

Confiança

• AS IRMÃS SHACKLEFORD •

BEVERLEY WATTS

BEVERLEY WATTS

Confiança

• AS IRMÃS SHACKLEFORD •

Tradução

NATHÁLIA RONDÁN



Prólogo

Por mais que se preocupasse com a saúde do pai, Confiança Shackleford não entendia por que, justo ela, é que teria de acompanhá-lo em sua recuperação na elegante cidade litorânea de Torquay.

Afinal, se fôssemos pensar claramente sobre isso, o reverendo tinha uma esposa. Embora infelizmente ela tivesse se declarado frágil demais para fazer uma viagem tão penosa somente para fazer papel de babá.

Quando Confiança argumentou que era apenas uma hora de viagem de carruagem, sua madrasta, Agnes, prontamente se deitou na cama com seus sais aromáticos. Na verdade, era improvável que saísse do quarto ao longo de toda a recuperação do marido em Torquay.

Como resultado, Confiança e Esperança, as duas filhas mais velhas do reverendo que ainda moravam em casa, ficaram com a função nada invejável de cuidar e fazer companhia ao pai, que elas não tinham a menor dúvida de que era o doente mais difícil de se lidar da face da Terra.



Seis meses atrás, o reverendo impediu uma trama diabólica para arruinar sua filha Temperança. Bem, essa era a história que ele contava a todos, e o fato de ter sofrido um ferimento à bala no ombro

esquerdo parecia dar credibilidade ao que, de outra forma, poderia ter sido considerada história da carochinha.

De fato, quase meio ano depois, os moradores ainda estavam empolgados com os eventos que resultaram no casamento da segunda das oito filhas do reverendo com um nobre. Desta vez, nada menos que um conde. Foi a maior emoção que os habitantes de Blackmore tiveram em anos.

Infelizmente, o ferimento sofrido pelo reverendo, embora inicialmente parecesse estar cicatrizando muito bem, acabou em uma infecção repentina. Acreditava-se que a emoção do casamento de Temperança com o conde de Ravenstone ocasionara o surgimento da contaminação, e todos concordavam que o reverendo havia se juntado ao último cotilhão com uma animação descomedida.

Em menos de dois dias após o casamento, o reverendo caiu de cama com uma febre alta. Foi apenas a presença de Malcolm, o valente escocês pouco ortodoxo do duque de Blackmore, que impediu o reverendo de acabar indo tomar chá com biscoitos com seu Criador muito antes da sua hora.

Agora, graças à generosidade não de um, mas de dois genros ricos, Augusto Shackleford seria enviado para Torquay para passar o resto da primavera e do verão em uma grande e elegante casa costeira que eles alugaram por três meses.

Claro que a maioria dos aldeões era da opinião de que tanto o duque quanto o conde estavam dispostos a abrir os bolsos para evitar qualquer pedido de suas esposas para que o reverendo passasse uma longa temporada em qualquer uma das duas propriedades. O que era totalmente compreensível, dado que Graça dera à luz há pouco tempo um herdeiro de Blackmore, um menino saudável, e Temperança ainda estava no auge de sua lua de mel.

Portanto, só sobravam Esperança e Confiança para o papel de babás.

Como era de se esperar, as demais irmãs Shackleford não conseguiam entender por que não podiam acompanhar o pai em uma visita prolongada à beira-mar. Sem dúvida teria resolvido a questão sobre qual das gêmeas deveria acompanhar o reverendo durante sua recuperação, já que uma delas teria que ficar e cuidar das crianças mais novas durante a ausência do pai. Uma tarefa que já fazia parte do dia a dia de ambas de qualquer maneira.

Verdade seja dita, não era lá bem uma tarefa, já que a maioria das irmãs geralmente corriam soltas e faziam o que bem queriam fora da sala de aula, e muitas vezes dentro dela também.

Só de pensar em soltá-las nos confins elegantes de Torquay por mais de um dia enchia de horror todos os adultos que as conheciam.

Então, no final, Confiança e Esperança tiraram na sorte e, infelizmente, Confiança perdeu.

Desesperada, Confiança tentou pedir a ajuda de Percy, o pobre coadjutor de seu pai. No entanto, pensar em três meses inteiros sem a orientação espiritual do reverendo Shackleford era simplesmente bom demais para ser verdade e, após muita discussão com o Todo-Poderoso e apesar de sua preocupação com a saúde do reverendo, Percy decidiu ficar em casa. Pelo bem espiritual dos habitantes do vilarejo, é claro.

Infelizmente, os moradores de Blackmore não estavam lá muito preocupados com seu bem-estar espiritual. Eles estavam mais preocupados com a terrível possibilidade de terem que assistir a longos sermões sobre fogo e enxofre. Embora o reverendo geralmente garantisse que seus sermões não durassem mais do que uma hora, os de seu coadjutor eram famosos por durarem mais de duas, o que fazia com que mais de um habitante tivesse que ser carregado para fora da igreja quando o culto enfim terminava.

Dito isso, quando o reverendo Shackleford partiu, os pedidos para que melhorasse logo eram sinceros e proclamados em alto e bom tom. Na verdade, parecia que o vilarejo inteiro se reunira para expressá-los.

Capítulo 1

O capitão Roan Carew não era um dos Carews importantes e ricos de Torquay. Ou, pelo menos, era o que lhe diziam os membros daquela família afortunada sempre que ele tinha a oportunidade de fazer negócios com um ou com todos eles, o que acontecia com certa frequência, já que, pelo visto, a antipatia que sentiam por ele não era tão forte a ponto de recusarem os barris de conhaque ilegal que Roan conseguia obter durante as suas longas viagens marítimas como capitão do navio *HMS Albatross* da Marinha Real.

Não que Roan se importasse em ser um Carew ilegítimo, fruto de uma pulada de cerca. Ascendera ao posto de capitão graças a uma combinação de determinação, astúcia e pura teimosia. Seu navio não apenas sobrevivera a Trafalgar, como prosperara desde então, ganhando o apelido de *Albatroz Sortudo* de sua tripulação.

De fato, era um navio de sorte, já que, com a guerra contra Napoleão ainda a todo vapor, os últimos três navios mercantes espanhóis capturados por ele transportavam ouro das Américas. É claro que, se perguntado, Roan Carew diria que a sorte se devia principalmente ao fato de o *HMS Albatross* ser uma fragata de trinta e seis canhões com uma tripulação experiente em batalhas e um capitão muito astuto.

Fosse qual fosse a razão, o prêmio em dinheiro dos três navios capturados e seu conteúdo renderam ao capitão Carew uma quantia

considerável, permitindo-lhe o luxo de uma grande mansão em The Warberries, comprada do velho Joseph Carew, o próprio.

Nesse dia específico da primavera de 1809, Roan não acordou em sua própria cama. Não que fosse algo inusitado para ele, e, em outras circunstâncias, teria adorado acordar ao lado da linda mulher que roncava de leve ao seu lado. No entanto, nessa ocasião, estava desorientado, com uma dor de cabeça terrível e sem qualquer lembrança dos eventos que o fizeram parar ali.

Com o cenho franzido, ele ficou deitado em silêncio, olhando para o teto do que era, sem dúvida, uma taverna. E não uma que ele reconhecesse. A julgar pela luz fraca que entrava pela janela suja, ainda era cedo. Saiu com cuidado da cama para não acordar sua companheira adormecida e foi olhar para fora, tentando descobrir onde estava. A janela dava para um beco, fazendo Roan murmurar alguns palavrões baixinho. Ele reconheceu a passagem imunda lá embaixo e percebeu que, por alguma razão inexplicável, escolhera levar uma mulher aleatória para uma das piores hospedarias de Torquay. O que, em nome de Deus, estava pensando? E por que diabos ele não conseguia se lembrar de nada? Roan gostava de uma caneca de cerveja tanto quanto qualquer outro homem, mas beber o suficiente para não se lembrar de uma noite inteira com toda certeza não era de seu feitio.

Ao olhar para baixo, se deu conta de que ainda estava usando suas roupas de baixo, o que era estranho se ele realmente tivesse chegado as vias de fato com a pessoa na cama. Furtivamente, ele contornou a antiga cama de dossel e cuidadosamente levantou o cobertor que cobria a mulher misteriosa. Para sua surpresa, ela ainda estava totalmente vestida, ou melhor, ela estava usando anáguas e espartilho. Se ele a tivesse arrebatado na noite anterior, Roan tinha certeza de que ela estaria nua agora. Na verdade, qualquer coisa do tipo estava fora de questão, dada a quantidade de roupas que ela ainda vestia.

Sem acordar, a mulher deu um grunhido suave de protesto, puxou o cobertor de sua mão e o colocou de volta sobre ela. Roan não conseguia ver o rosto da mulher, mas seu cabelo era de um loiro mel encantador, da cor de melaço quente. E eram longos, a julgar pelo emaranhado espalhado sobre o que parecia ser um travesseiro.

Com sinos de alarme soando alto em sua cabeça, além de sua confusão, Roan se afastou da cama. Seu instinto era simplesmente pegar suas roupas, que estavam espalhadas pelo chão, e bater em retirada, deixando a mulher misteriosa à própria sorte. Mas o que diabos aconteceria com a moçoila se ele simplesmente fosse embora?

Com uma careta, sentou-se cautelosamente na única cadeira do cômodo para pensar. Pelo que ele podia ver dela, não parecia ser uma mulher da vida. Suas roupas de baixo eram simples, mas limpas. Ela sem dúvida não tinha a aparência de uma mulher que entraria no quarto de um cavalheiro desacompanhada e, com certeza, não um quarto tão maltrapilho quanto aquele. Por ter tido a sua cota de aventuras amorosas no passado, Roan conhecia logo de cara mulheres da vida. E essa moçoila sem sombra de dúvida não era uma delas.

O que deixava duas possibilidades.

Ou ele estava completamente bêbado e, depois de sequestrar e tentar violar a mulher, adormeceu antes de concluir o ato. Isso era quase certamente uma história da carochinha, afinal ele nunca havia violado uma mulher na vida e não acreditava que seria capaz de fazer algo tão hediondo agora que já estava com trinta e dois anos. No mínimo, ele preferia que o ato com suas parceiras de cama fosse consentido. E, de qualquer forma, era improvável que sua vítima em potencial simplesmente adormecesse depois que seu agressor tivesse desmaiado enquanto tentava arrebatá-la.

No entanto, a outra possibilidade era tão absurda que ele relutava em sequer cogitá-la. Com o cenho franzido, passou a língua pelos

lábios e notou a sensação pesada e espessa nela. Por fim percebeu que sua cabeça latejava e se sentia como se tivesse sido atropelado por uma carroagem puxada por quatro cavalos. E, apesar de se mexer, a estranha mulher em sua cama não dava nem sinal de acordar, e Roan estava começando a crer que, por mais improvável que fosse, tanto ele quanto a moçoila haviam sido drogados, provavelmente com lúdano, e deixados juntos por algum motivo nefasto.

Mas com que raios de objetivo? Roan não se surpreenderia com alguém lhe desejando o mal. Já que fizera muitos inimigos em sua ascensão ao cargo de capitão de navio. E ele era mais do que confortavelmente rico. Era possível que algum pilantra estivesse tentando casar sua filha comprometendo-a daquela maneira. Mas era improvável. Qualquer pessoa que conhecesse Roan Carew perceberia que tal plano estava fadado ao fracasso. Mesmo seus conhecidos mais distantes sabiam muito bem que ele jamais se deixaria enganar e, além disso, não daria a mínima para as mentiras que as pessoas espalhavam a seu respeito ou da infeliz mulher em sua cama.

E, se alguém quisesse prejudicá-lo, é provável que acabasse com a garganta cortada no beco que espiou da janela.

Com outro palavrão murmurado, ele procurou por água, mas não parecia haver nada para beber. Nem mesmo sobras de alguma bebida alcoólica. Colocou a cabeça entre as mãos e tentou pensar na última coisa de que conseguia se lembrar. Pretendia passar sua primeira noite em terra firme em sua casa recém-adquirida e conseguia se recordar de destrancar a porta da frente e entrar. Sentiu uma dor fulminante na parte de trás de sua cabeça, isso lhe ocorreu, mas, depois, nada mais.

Roan balançou a cabeça em frustração e tentou se lembrar se havia mais alguém ali. Santo Deus, aquilo era um absurdo. Sua cabeça estava um turbilhão. Ao se levantar de repente, sentiu a cabeça

girar um pouco e foi tomado por uma onda de pânico incomum. Todos os seus instintos de sobrevivência clamavam para que ele saísse dali. Agora.

Ele se abaixou, pegou sua camisa e a vestiu rápido. Por mais que não quisesse largar a moçoila ali, quem quer que ela fosse, não podia ignorar seu instinto, que já salvara sua vida em muitas ocasiões para não lhe dar ouvidos agora. Com sorte, depois de ir embora, ela acabaria acordando e indo embora sem que ninguém a machucasse. Com uma careta, pegou seu casaco e caminhou até a cama. Sabia que era improvável que nada ocorresse à moçoila, assim como também não lhe parecia que a presença dela ali era um acidente.

No entanto, Roan Carew sobrevivera trinta e dois anos, primeiro como uma criança maltrapilha nas ruas de Torquay, depois como um rapaz recrutado à força para a Marinha Real e, por fim, como capitão de navio, confiando em seu instinto. Não chegara lá deixando-se levar por sentimentalismos. Era conhecido por ser frio, mas justo. A maldita sentimentalidade não tinha lugar em seu mundo. Quem quer que fosse aquela moçoila teria de se virar como ele fez.

Foi então que ele sentiu cheiro de fumaça...

Duas semanas antes...

A casa costeira chamada Rosamunde, em Torquay, era de fato uma propriedade de extrema elegância. Situada no alto de uma colina, ao lado de várias casas igualmente graciosas, oferecia a vista mais encantadora da cidade, bem como do porto e do mar mais ao longe.

Tão encantada estava ela com a bela casa e sua localização que Confiança se convenceu de que a estadia à beira-mar talvez não fosse tão dura assim. Ainda mais que os cuidados de seu pai ficaram a cargo de uma mulher de meia-idade chamada Florence. Seu comportamento era tão severo que nem mesmo seu pai ousava reclamar quando ela o colocava na cama, embora o tivessem ouvido murmurando que agora sabia como aquela múmia maldita da coleção do velho coronel Gordon devia se sentir.

A dama fora contratada pelo duque de Blackmore para desempenhar exatamente essas funções. Pelo visto, Nicholas teve pena de Confiança, ao pensar, e com razão, que, caso contrário, ela seria relegada ao papel de criada faz-tudo. No entanto, o fato de o reverendo estar sendo cuidado pela grosseira, mas implacavelmente eficiente Florrie, como ela gostava de ser chamada, significava que Confiança teria tempo para dar uma volta pelos arredores.

Na verdade, a casa costeira contava com uma infinidade de criados e, diga-se de passagem, Confiança nunca tinha sido tão mimada.

Banheiras levadas ao seu quarto quando solicitadas, uma xícara de chocolate quente ao acordar, e a comida servida era, sem dúvida, digna de um lorde. Ela realmente nunca tinha comido tão bem e não podia deixar de refletir sobre a diferença nas habilidades culinárias da sra. Tomlinson, na casa paroquial, e a cozinheira da casa costeira Rosamunde. Também riu sozinha ao pensar no que sua madrasta desprezara. Agnes teria adorado este lugar, nem que fosse apenas pela suelta *chaise longue* na pequena e elegante sala de estar.

O clima também estava excepcionalmente ameno para a estação e, embora Confiança tivesse visitado Torquay em várias viagens de um dia com os irmãos, ela nunca teve a oportunidade de notar as palmeiras exuberantes ao longo do calçadão recém-construído ou a profusão de flores coloridas. Tampouco reparara no grande número de navios da Marinha Real ancorados na baía, voltando da guerra em curso com a França e a Espanha. Ela já apreciara as vistas e os sons de ambos durante suas caminhadas, na maioria das vezes acompanhada por Freddy, o fiel cão de caça de seu pai.

Nesse dia em particular, depois de estarem hospedados ali há pouco mais de duas semanas, Confiança estava sentada na sala de estar escrevendo uma carta para Esperança. Fez o possível para evitar ser muito efusiva sobre a casa ou Torquay em geral, sabendo muito bem que a irmã provavelmente estava arrancando os cabelos atrás dos cinco irmãos mais novos. Freddy roncava ao lado dela, na lareira, contorcendo-se alegremente em seus sonhos caninos.

Ao terminar a carta, ela levaria o cão para visitar o pai, a fim de dar a Florrie algum tempo para cuidar de suas próprias necessidades. Começara a ler para ele, o que era infinitamente preferível a ficarem sentados em um silêncio constrangedor. No momento, eles estavam no meio de *Marmion*, de Sir Walter Scott. Embora o reverendo se declarasse cansado daquele livro, ele insistiu para que ela continuasse

a leitura, para não ser obrigado a falar de trivialidades. Confiança concordava plenamente. Só de pensar em discutir futilidades com o pai rabugento já lhe dava calafrios.

Ao terminar sua carta, ela a fechou com um lacre de cera e se levantou, com a intenção de entregá-la a um criado ao subir as escadas. No entanto, relutante em enfrentar o mau humor do reverendo, ela vagou até a janela que dava para o jardim de uma enorme casa de tijolos vermelhos. Em comparação à casa costeira de Rosamunde, parecia quase descuidada. O jardim era, em sua maior parte, um emaranhado de flores silvestres, e a casa em si era escura e pouco convidativa. Os criados afirmavam que ela estava vazia há muitos anos. O último proprietário era aparentemente um capitão da Marinha Real que no momento estava no mar.

É claro que eles insinuavam muito mais do que isso, e uma das criadas mais tagarelas sussurrou alegremente que ela tinha visto o proprietário, que aparentemente era um homem bonito, de cabelos escuros e físico atraente. Ele comprara a propriedade apenas alguns meses antes de zarpar, e dizia-se que adquirira a propriedade em ruínas dos arrogantes Carews, a família mais rica de Torquay. Mas por que raios deixaram a propriedade caindo aos pedaços antes disso, ninguém sabia.

Refletia sobre como era triste ver aquele belo e elaborado trabalho em ferro forjado ao redor de uma grande varanda enferrujando quando, de repente, pensou ter visto alguém passar pela janela de um dos quartos do térreo. Ela inclinou-se para a frente e pressionou a cabeça no vidro na tentativa de ver melhor. Teria o esquivo capitão tornado? Não ouvira nenhum mexerico de sua fiel criada. Por alguns segundos, pensou ter se enganado, até que uma luz piscou no fundo da sala indicando que alguém acendera uma vela.

Tomada pela curiosidade, Confiança permaneceu na janela observando a luz tremeluzente enquanto ela se movia pela sala.

Embora a casa estivesse longe demais para que se visse o interior, parecia que alguém procurava algo. Com o cenho franzido, ela esticou o pescoço para ver melhor quando a luz desapareceu de repente, apenas para reaparecer em outro cômodo. Que estranho. Se o proprietário tivesse voltado, certamente precisaria de mais do que apenas uma vela, não? Embora fossem apenas duas da tarde, a casa vizinha estava escura e sombria, e Confiança imaginou que mesmo uma dúzia dessas velas em cada cômodo não seria suficiente para iluminar as sombras por completo.

A luz da vela por fim saiu da sala e sumiu. Quem quer que fosse, entrara em uma parte da casa que ela não podia ver da janela. Suspirou e se virou, se perguntando se deveria pedir a um dos criados para investigar. Mas se a pessoa ou pessoas estivessem tramando algo ruim, não tinha o direito de pedir a nenhum dos funcionários que se colocasse em risco. Na verdade, se convenceu de que a melhor coisa a fazer seria esquecer a coisa toda.

Tendo em mente que não poderia adiar mais a visita ao pai se a pobre Florrie quisesse ter um pouquinho de tempo para si mesma, Confiança balançou a cabeça e chamou Freddy, indo procurar alguém para postar sua carta antes de subir as escadas com relutância.



Reverendo Shackleford estava entediado.

Entediado, entediado, entediado, entediado, ENTEDIADO.

No início, exausto após a viagem de Blackmore, ele estava devidamente grato à pragmática Florence Penrose, que aparentemente havia sido contratada por seu genro. Agora, porém, não tinha a menor dúvida de que fora uma brincadeira do duque. Após duas semanas, o reverendo acreditava estar recuperado o suficiente para sair da

cama. Infelizmente, sua enfermeira tirana tinha outros planos. Na verdade, ele suspeitava de que ela estivesse simplesmente forçando-o a passar mais uma semana confinado em seu quarto por despeito. Nem mesmo seus sermões mais espirituais funcionaram com ela, que, em outras circunstâncias, garantiam que o destinatário desmaiasse ou fugisse sem deixar rastro.

Florence não fez nenhuma das duas coisas. Apenas continuou com seu bordado depois de afirmar categoricamente que ele ficaria na cama por pelo menos mais uma semana. Sem nem mesmo chegar perto de um pouco de conhaque. E ele que achou que os sermões ficariam para trás na paróquia.

Até mesmo Freddy só ficava com seu dono por pouco tempo. E então o cachorro traíra choramingava na porta e o deixavam sair.

O reverendo suspirou. Era realmente triste que a parte mais animada do seu dia fosse a visita da filha. Normalmente, ele detestava tagarelice, mas a moça tinha começado a ler para ele, o que ao seu ver era quase tolerável. Com um suspiro se recostou nos travesseiros, no momento em que bateram à porta para admitir o objeto de seus pensamentos. Florrie se levantou, fez uma pequena reverência respeitosa a Confiança e saiu.

— Graças a Deus pelas pequenas misericórdias — murmurou o reverendo quando a porta se fechou.

Ignorando as reclamações do pai, Confiança sentou-se ao lado da cama, enquanto Freddy pulava em cima dela e se enrolava no edredom de penas.

— Como está hoje, papai? — perguntou ela com sinceridade. — Espero que não esteja se esforçando demais.

O reverendo bufou, mas não respondeu.

— Devemos continuar com Sir Walter Scott? — continuou Confiança, ignorando o pai que fazia uma cara feia.

— Se não tem nada mais interessante para me dizer, então continue — retrucou o reverendo com um gesto irritado da mão.

Confiança fez uma careta, tentando pensar em algo emocionante para lhe contar. Na verdade, seu pai era o pior paciente imaginável. De repente, se lembrou da luz na casa vizinha e fechou o livro em seu colo.

— Por acaso, estava olhando pela janela da sala de estar para a casa vizinha — ela disse hesitante.

— E daí? — foi a resposta mal-humorada do reverendo.

— Bem, como sem dúvida você sabe, a casa deveria estar vazia, pois o proprietário está no mar. — Ela fez uma pausa, esperando criar alguma expectativa para suas próximas palavras. Seu pai apenas continuou a olhar para ela com uma cara de poucos amigos, então ela suspirou e continuou. — Bem, vi uma luz em uma das janelas.

— Então, o proprietário sem dúvida voltou de sua viagem.

Confiança balançou a cabeça.

— Creio que não, papai. Parecia ser uma única vela, e vi a luz passar de um cômodo para o outro. Me parece que quem quer que fosse procurava algo.

Para seu alívio, o reverendo franziu as sobrancelhas, pensativo.

— O que a faz pensar que procuravam algo?

— Bem, a luz oscilava e balançava exatamente como faria se alguém estivesse se movendo com uma vela na mão. Depois de um tempo, parou, permanecendo em um lugar por alguns minutos, depois se movendo brevemente antes de ficar parada outra vez. Isso ocorreu repetidas vezes até desaparecer por completo, apenas para reaparecer no quarto ao lado, onde o processo se repetiu.

— E então o que aconteceu? — perguntou o reverendo, por fim interessado.

— Quem quer que fosse, saiu da sala e se aventurou em áreas que eu não podia ver da minha janela. — Confiança franziu o cenho.

— Não sei por quê, mas tive a impressão de que a pessoa ou pessoas não queriam ser vistas. Se fosse esse o caso, então é claro que era improvável que fosse o proprietário. Na verdade, pode-se supor que não deveriam estar lá.

Reverendo Shackleford recostou-se nos travesseiros refletindo sobre o relato de Confiança.

— Como sabe que o proprietário está no mar? — perguntou ele, depois de um tempo.

— Uma das criadas me contou — respondeu Confiança. — Ela disse que o proprietário era um capitão da Marinha Real que comprara a casa de uma família proeminente local.

— Qual família?

— Creio que ela disse que o nome era Carow... não, Carew.

O reverendo concordou com a cabeça, pensativo.

— Já ouvi falar deles. O pai ganhou um bom dinheiro na Índia; foi nababo, alguém muito influente, segundo dizem; e então, inesperadamente, herdou um título sabe-se lá do que de um primo de segundo grau. Podre de rico. Por que queriam vender a casa?

Confiança deu de ombros.

— A criada não sabia, mas, fosse qual fosse o motivo, estavam desesperados para vendê-la. Essas foram as palavras de Rose, uma das criadas.

O reverendo franziu o cenho, pensativo.

— Talvez a família não seja tão rica quanto afirma. Qual é o nome do capitão? Ela lhe disse?

Confiança balançou a cabeça.

— Creio que ela não saiba. Na verdade, parece que ninguém sabe dessa informação.

— Então precisamos descobrir — declarou o reverendo Shackleford, com os primeiros sinais de algo remotamente parecido com entusiasmo desde que acabou de cama após o casamento de Temperança.

Confiança fez uma expressão de dúvida:

— Como faremos isso?

— Eu não — afirmou seu pai alegremente. — O dragão se recusa até mesmo a me deixar sair da cama. Não, nesta ocasião, minha filha, terá de ser meus olhos e ouvidos.

Confiança lhe lançou um olhar de soslaio.

— Ora, de forma alguma, papai. Não posso entrar furtivamente na propriedade de alguém sem permissão.

— Bem, também não pode entrar furtivamente mesmo *com* permissão — respondeu o reverendo com naturalidade.

— E se alguém me vir? — continuou a filha. — Não faço ideia do que você espera que eu encontre lá.

— Pode ser algum tipo de tesouro — disse o reverendo, animado —, ou um mapa que descreva como encontrá-lo.

— Papai — protestou Confiança —, esqueceu que é um homem de Deus? Como pode sequer pensar em invadir a casa de outra pessoa e roubar algum tipo de... de... mapa ilícito?

O reverendo fungou:

— Está começando a parecer Percy. E, diga-se de passagem, é muito provável que seja lá o que for que os malfeiteiros procuravam já estivesse na casa muito antes de nosso capitão comprá-la. E está claro que o novo proprietário não tem lá muito apreço pelo lugar, já que deixou aquela casa enorme e horrível apodrecer.

Confiança balançou a cabeça enfaticamente:

— Não sabemos nada a respeito do homem que comprou a casa — afirmou ela —, e me recuso a invadir a propriedade de alguém por mero capricho.

— Mas estaria disposta se pudéssemos provar que algo suspeito estava acontecendo? — interrompeu o reverendo.

— De forma alguma — respondeu Confiança indignada. — Seria absolutamente errado, e muito me surpreende o senhor sugerir tal coisa, papai.

Reverendo Shackleford ficou olhando com olhos apertados para ela por alguns segundos, pensativo, e o coração dela se apertou. Ela conhecia aquele olhar. Então, como Confiança já esperava, ele se recostou nas almofadas e fechou os olhos.

— Talvez esteja certa — ele suspirou antes de tossir e levantar a mão para esfregar o ferimento de bala em seu ombro, que estava cicatrizando. — Pode ir agora, filha — acrescentou. — Tentarei descansar, já que não há mais nada para me distrair e me fazer não pensar na dor.

Confiança apertou os lábios e se levantou, lutando contra a vontade de bater o pé em frustração. Como queria que Percy estivesse ali. Ele sempre sabia como lidar com seu pai quando ele estava nesse humor. Ela se virou e deu um passo hesitante em direção à porta. Sem que ela soubesse, o reverendo abriu um olho e, percebendo sua intenção, gemeu teatralmente.

Ela parou e em seguida aproximou-se da cama.

— Tem algo que possa trazer para aliviar seu desconforto, papai? — perguntou, fazendo o possível para conter sua irritação. Mas a convivência de mais de dezoito anos lhe ensinou a jogar o jogo do pai — ao menos um pouco. — Talvez eu possa oferecer outro tipo de diversão — sugeriu cheia de docura. — Uma que não envolva invadir a casa vazia do nosso vizinho. — Ela voltou a sentar-se na cadeira. — Gostaria que eu cantasse para o senhor?

Confiança sabia muito bem que cantava feito uma taquara rachada, e os olhos do reverendo se arregalaram, assustado, como esperava que acontecesse. Ela se levantou com uma risadinha e balançou a cabeça.

— Quando estiver melhor, papai, tenho certeza de que estará apto o senhor mesmo a fazer sua própria invasão de domicílio. — Reverendo Shackleford apenas fuzilou com os olhos a filha que se dirigia para a porta do quarto. Para piorar a situação, Freddy imediatamente pulou da cama para acompanhá-la. — Informarei Florrie que o senhor está

pronto para o chá da tarde — ela o consolou ao sair do quarto, fechando a porta rápido ao ouvir seu bufo em resposta.

— Raios — murmurou o reverendo quando ficou sozinho. Onde é que o mundo pararia quando um homem não conseguia nem sequer convencer a própria filha a invadir uma casa? Não teria que lidar com esse tipo de discussão se fosse Percy. Com uma careta, jogou os cobertores para trás e tentou sair da cama. Para sua frustração, ainda não conseguia se equilibrar muito bem. Grunhindo pelo esforço, se dirigiu até a janela. Seu quarto, assim como a sala de estar abaixo, ficava na lateral da casa costeira e, se esticasse o pescoço, ele conseguia ver a parte de trás da casa de tijolos vermelhos.

E lá, com certeza, viu um tremular. Quem quer que Confiança tivesse visto mais cedo, sem dúvida ainda estava lá. Em seu camisolão, ficou parado observando a luz se mover, assim como sua filha descrevera.

— O que pensa que está fazendo, reverendo Shackleford? — perguntou uma voz estridente atrás dele. Florrie rapidamente colocou a bandeja no chão e correu até a janela, segurando o braço do clérigo. Para o desespero do reverendo, ele estava realmente se sentindo um pouco tonto e se deixou levar de volta para a cama.

— Não entendo como um homem na sua situação pode ser tão tolo — repreendeu sua enfermeira enquanto o ajudava a deitar na cama e o cobria bem com os cobertores. — Pode ter certeza de que a senhorita Confiança saberá imediatamente disso.

Aquelas palavras entraram por um ouvido do reverendo e saíram pelo outro, seus pensamentos completamente tomados pelo mistério da luz piscando na casa vizinha. Qualquer que fosse o negócio suspeito que estivesse sendo conduzido na ausência do proprietário, ele estava determinado a descobrir a verdade.

Custe o que custar...